



Eu mais velha: um estudo etnográfico das narrativas de cura, fé e ancestralidade em mulheres curandeiras Caiçaras

I AM OLDER: an ethnographic study of healing narratives, faith, and ancestry in Caiçara women healers

BIANCA MAGALHÃES SEVCIUC^a 

VALÉRIA EL HERR^b 

Resumo

O presente artigo apresentará a trajetória de uma pesquisa etnográfica que fora desenvolvida nas comunidades pertencentes ao município de Guaraqueçaba, situado no litoral do estado do Paraná, desenvolvida por meio de registros orais das narrativas de mulheres curandeiras das comunidades tradicionais Caiçara, com o intuito de apontar caminhos que demonstrem a saúde e a espiritualidade como formas consoantes do processo de cuidado e cura, bem como a importância da oralidade na construção da identidade. O texto trará trechos dos registros das falas das mulheres participantes da pesquisa como forma de reafirmar seu protagonismo na conjunção entre espiritualidade e práticas de saúde.

Palavras-chave: Saúde. Ancestralidade. Cura. Oralidade. Narrativas. Espiritualidade.

^a Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Pós-graduanda em Antropologia Cultural, e-mail: biancaseviuc@gmail.com

^b Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Mestre em Bioética, e-mail: valehorr@gmail.com

Abstract

This article will present the trajectory of an ethnographic research that was developed in Superagui Island, located on the coast of state of Paraná, developed through oral records of the narratives of women healers of traditional Caiçara communities in order to point paths that demonstrate health and spirituality as consonant forms of the process of care and healing, as well as the importance of orality in the construction of identity. The text will bring excerpts from the records of the speeches of the women participating in the research, as a way of reaffirming their protagonism in the conjunction between spirituality and health practices.

Keywords: Health. Ancestry. Healing. Orality. Narratives. Spirituality.

Introdução

Através da memória e da própria imaginação as narrativas da ancestralidade traçam caminhos recriando mundos continuamente de geração a geração. Transmitidas por meio da tradição oral, as narrativas foram contadas para saber quem somos, quem podemos ser e para alargar os limites dos nossos saberes.

O presente artigo descreve o projeto "Eu Mais Velha", que se desenvolveu a partir de uma pesquisa realizada com o intuito de fortalecer o protagonismo e expandir as expressões das ancestralidades e dos saberes de mulheres parteiras, rezadeiras, curandeiras, pajés, mães de santo, mestras e matriarcas, por meio de registros nos formatos audiovisuais, fotográficos, cartográficos, entre outros. Essas mulheres, em sua maioria, lideram e promovem práticas de manutenção da vida, de preservação da biodiversidade e do cuidado por meio das terapêuticas associadas às culturas ancestrais.

O primeiro registro das histórias e saberes resultou no livro "Eu mais velha – cura, fé e ancestralidade"¹, das autoras Bianca Sevcic e Lais Araújo. Atualmente, o "Eu mais velha" é um coletivo de mulheres que vem buscando realizar, além dos registros, ações culturais e socioeducativas voltadas à

¹ A pesquisa e publicação recebeu o apoio do Programa Rumos Itaú Cultural 2017-2018. Para acessar o livro *online* clique no link: https://issuu.com/eumaisvelha/docs/ebook_eumaisvelha.

valorização dos saberes ancestrais, como a "Mostra 'Eu Mais Velha' de Audiovisual" e o "Ervanário Afetivo".

A partir das reflexões emergentes desta pesquisa, este texto apresentará algumas das práticas de saúde expressas nas narrativas orais em mulheres curandeiras das comunidades tradicionais Caiçara com o intuito de apontar caminhos que demonstrem a saúde e a espiritualidade como formas consoantes de um mesmo processo, bem como a importância da oralidade na construção da identidade.

Na próxima sessão, o texto trará as questões que fomentaram o desenvolvimento da pesquisa etnográfica.

Oralidade como (a)firmadora de raízes

A autora principal deste artigo, idealizadora do projeto "Eu mais velha", Bianca Sevciuc, discorre nesta seção sobre como o concebeu, por meio da revisitação de sua histórica ligação com mulheres praticantes da medicina popular, trazendo sua narrativa em primeira pessoa a seguir.

Ao entrar no curso superior de Naturoterapia, me deparei com as racionalidades médicas² por estudar a Medicina Tradicional Chinesa, a Fitoterapia e as terapêuticas utilizando os elementos da natureza. A partir do acesso às minhas memórias afetivas e de um imaginário ancestral, surgiram perguntas geradoras de uma investigação autoetnográfica³, quais sejam:

² Conceito cunhado por Madel Therezinha Luz provindo das experiências em Saúde Coletiva, com o intuito de nos beneficiarmos da desnaturalização da superioridade do pensamento científico ocidental igualando a medicina ocidental contemporânea aos demais sistemas médicos que coexistem no mundo. "Racionalidades médicas é, assim, todo o sistema médico complexo construído sobre seis dimensões: uma morfologia humana, uma dinâmica vital, uma doutrina médica (o que é estar doente ou ter saúde), um sistema diagnóstico, uma cosmologia e um sistema terapêutico" (LUZ, 2012, p. 15).

³ Método de pesquisa defendido para a tese de doutoramento do pesquisador Silvio Matheus Alves Santos, com bases da Escola de Chicago de Sociologia, em que é utilizado como meio de colher dados um passado já vivenciado, relevante na sensibilização do pesquisador, para caracterizar o objeto de estudo e a realização da observação etnográfica a ser feita (SANTOS, 2017, p. 216).

- 1) Qual o futuro da prática de cultivar quintais medicinais e utilizar remédios caseiros?
- 2) Em quais localidades a relação entre mulheres, as plantas e o cuidado comunitário seguem acontecendo?
- 3) Quem são as minhas antepassadas e qual a sua relação com as práticas ancestrais de tratamento e cura?

As narrativas de cura e ancestralidade estão presentes na minha trajetória desde muito cedo, representadas pelas mulheres mais velhas de minha família. Minha mãe, Rosemary, foi enfermeira sanitária por muitos anos. Compôs uma equipe no sertão paraibano do Programa de Saúde da Família do Sistema Único de Saúde que tem como proposta central, segundo o Ministério da Saúde (1997), "o estabelecimento de vínculos e a criação de laços de compromisso e de corresponsabilidade entre os profissionais de saúde e a população".

Minha avó Djanira, do agreste pernambucano, com quem convivi por 19 anos, cultivava um quintal medicinal e sabia de várias rezas e receitas de remédios caseiros de plantas medicinais e de alimentos, era uma mulher que cuidava de qualquer pessoa que solicitasse seus cuidados. Nas minhas memórias de infância, encontro lembranças de uso do capim-santo (*Cymbopogon citratus*), colônia (*Alpinia zerumbet*), erva cidreira (*Lippia alba*), mentrasto (*Ageratum conyzoides*), mastruz (*Dysphania ambrosioides*), boa-noite (*Catharanthus roseus*), avenca (*Adiantum raddianum*), babosa (*Aloe vera*) e gengibre (*Zingiber officinale*). Encontro com aromas, sabores, rezas e ladainhas. Tenho guardada na memória uma reza feita para encontrar objetos. Vinte anos depois, nas comunidades caiçaras, onde esta pesquisa se deu, ouvi que as curandeiras de lá rezavam o "Responso" e faziam aparecer não só objetos como também pessoas. Ao longo desse processo de descobertas familiares soube que a minha bisavó Sinhá, cabocla, sertaneja, era rezadeira e a chamavam de forma depreciativa de catimbozeira por rezar com plantas e fumar cachimbo, possivelmente tendo passado pelos mesmos processos de silenciamento e apagamento que a maioria dos grupos indígenas dos sertões do nordeste sofreu. Catimbó, também conhecido como Jurema, é uma prática mágico-religiosa de origem indígena, que recebeu influências dos europeus e da diáspora africana. É encontrada principalmente nos estados do

nordeste e tem como elemento principal a relação da árvore Jurema com o sagrado e a cura dos males da alma e do corpo (SAMPAIO, 2016, p. 153).

O historiador Helder Alexandre Medeiros de Macêdo escreve sobre os indígenas remanescentes do sertão:

Desaparecidos ou não das terras sertanejas, pouco se fala sobre os índios. No máximo, ao conversarmos com nossos avós ou com idosos, escutamos histórias de índios bravios repetirem-se nesses enunciados orais. São histórias que remetem a caboclas-brabas – ou caboclos-brabos – que eram pegas a dente de cachorro e casco de cavalo, no dizer das pessoas. A explicação: cabocla era o nome dado às índias que conseguiram se safar das 'Guerras' dos Bárbaros, ficando escondidas nos altos das serras ou nas proximidades (MACÊDO, 2003, p. 131-132).

As cosmologias das múltiplas etnias dos povos originários do Brasil e dos povos africanos em diáspora e os conhecimentos trazidos pelos colonizadores europeus compõem o conjunto de práticas de curas e fé das parteiras, rezadeiras, raizeiras, benzedadeiras e curandeiras (ARAÚJO, 2004). São saberes e fazeres que se mesclam e vêm se mantendo vivos em diversas regiões do país – nos interiores, nas comunidades caiçaras, nos faxinais, caatingas, cerrados, sertões, quilombos e também nos centros urbanos. As narrativas da ancestralidade e as diversas formas de expressão e manifestação dela são potentes afirmadoras da identidade de grupos e povos tradicionais e originários, pois estas foram e são permeadas pelas violências das sobreposições identitárias e culturais dos povos europeus e, portanto, são trançadas com base na resistência e existência da contação oral e do que Leda Maria Martins chama de 'Orality da memória'⁴. Ela diz:

Esse texto lhes é oferecido como um convite para pensarmos a memória em um de seus outros ambientes, nos quais também se inscreve, se grafa e se postula:

⁴ termo criado por Leda Maria Martins para falar sobre as complexidades do entrelaçamento da palavra oral e das expressões gestuais, performáticas – também através de cantos, danças, ritos – e das diversas formas de manifestação da cultura dos povos africanos em diáspora. Para um maior aprofundamento pesquisar "Afrografias da memória: o Reinado do Rosário no Jatobá", Martins, Maria Leda, Editora Perspectiva, 2021.

a voz e o corpo, desenhados nos âmbitos das performances da oralidade e das práticas rituais (MARTINS, 2003, p. 63).

Nesse contexto, reconhecendo meu corpo como guardião das memórias de minhas antepassadas, encontrei as sementes de reafirmação dos saberes de uma ancestralidade comum à maioria de nós através da criação do projeto "Eu Mais Velha".

Metodologia

Com a contribuição do pesquisador e Caiçara Renato Pereira Siqueira, foi realizada uma pré-identificação das curandeiras e curandeiros ainda vivos e de alguns já falecidos.

Foi utilizada a abordagem etnográfica baseada na transmissão oral e revitalização da memória, cadernos de campo, registros fotográficos, entrevistas gravadas⁵ e rodas de conversa entre familiares, estimulando a criação de quintais medicinais que resultaram em canteiros e farmácias vivas (MATOS, 2002). Também foi feita a coleta e a produção de exsiccatas de plantas medicinais utilizadas tradicionalmente para posterior identificação e ilustração botânica.

A pesquisa e registro ocorreram no litoral norte do estado do Paraná, onde se encontram comunidades tradicionais Caiçaras e Guarani M'bya. Uma das regiões com maior biodiversidade do Brasil, considerada Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO, onde, em 1989, foi instaurado o Parque Nacional de Superagui, residência de povos Caiçaras há mais de 300 anos. Na maior parte dessas comunidades chega-se apenas de barco, talvez por isso muitos dos saberes ancestrais ali se conservaram ao longo dos séculos. O trabalho de campo se deu ao longo de dois anos, onde 20 comunidades foram visitadas e 35 moradoras e moradores entrevistados, em sua maior parte pessoas mais velhas. Sete mulheres curandeiras, de cinco comunidades, guardiãs dos saberes passados oralmente de geração a geração foram as

⁵ a pesquisa recebeu a autorização do Movimento dos Pescadores Artesanais do Litoral do Paraná – MOPEAR, por meio do protocolo de consulta prévia, livre e informada para sua realização e publicação do livro. Além da autorização, foram coletados termos de autorização de consentimento para uso de entrevista e registro de imagem de todas as pessoas entrevistadas.

interlocutoras da pesquisa – Leontina, Mariquinha, Amélia, Alzira, Cesarina, Cleonice e Wariju, esta última Guarani M'bya.

Renato Pereira Siqueira foi o condutor do barco e também pesquisador ao longo de alguns meses. Ele, Lais e Bianca utilizaram a técnica de observação participante para coletar os dados sobre as práticas de cura da região e as informações necessárias para organizar e planejar como seriam as propostas de construção dos quintais medicinais.

O que contam nas ilhas, morros, mangues e baías: as narrativas

Nas comunidades caiçaras muitos relatos sobre as curandeiras e as curas realizadas por elas foram ouvidos. Histórias que se entrelaçam às lendas da região sobre seres como o pai do mato ou caaporã [do Tupi-guarani: caá = mato; porã = morador], um homem velho, barbudo e muito bravo que guarda a mata, e a velha do mangue, que aparece apenas em algumas épocas do ano. O boitatá [do Tupi-guarani: mboi = cobra; tata = fogo] que aparece inexplicavelmente nas águas e a bruxa que vem com a ventania para chupar o sangue da criança. Histórias sobre quebrantos, feitiços, simpatias e curandeiras que prediziam acontecimentos.

Todas as crianças de hoje em dia que estão doentes são chupadas de bruxa, sabia? Porque ninguém mais faz o que a gente fazia de primeiro. Para proteger a criança faz oração já bem que a criança nasce, aí com sete, oito dias já pode batizar, batiza em casa, o batismo de casa é o primeiro que existe; fala os nome, as rezas tudo, e depois que uma criança batiza em casa a bruxa não acompanha mais. (MARIQUINHA SQUENINE, 2019, Comunidade Saco do Morro).⁶

Essas narrativas também existem para cumprir uma função de manutenção da vida, revelam a cosmovisão dos habitantes locais. Segundo Diegues (1999), a análise das representações e mitologias simbólicas das

⁶ As citações diretas de frases de pessoas das comunidades, presentes neste artigo, são falas das interlocutoras da pesquisa e foram transcritas a partir das entrevistas gravadas em áudio ao longo dos dois anos de campo.

populações são fundamentais para a compreensão das ações que produzem os conhecimentos acumulados por meio de conhecimento empírico, que são responsáveis pelos sistemas tradicionais de manejo.

Tais narrativas explicam e sustentam os modos de curar doenças e tirar males; fazem parte de um sistema de crença que não diferencia o mundo espiritual do físico e que vê, nas manifestações da natureza, na flora e na fauna, entidades e seres que dialogam e fazem parte do que os compõem.

Alzira, uma das curandeiras interlocutoras da pesquisa, nasceu e foi criada na hoje extinta comunidade do Rio dos Patos, comunidade localizada na parte continental de Guaraqueçaba, aonde se chegava apenas de barco e após uma caminhada de alguns quilômetros. Seus habitantes eram caçadores e agricultores que, como na maioria das comunidades, viviam da produção de roças, onde plantavam-se diversas culturas de alimentos e ervas medicinais. Os animais silvestres alimentavam-se das plantações e, depois, tornavam-se caças e alimentavam várias famílias. Estes animais também integram as formas de utilização terapêuticas da região, por exemplo, é uma prática comum utilizar as banhas de diversos deles como medicina. Alimentar-se de um animal ou usar partes do seu corpo para tomar para si a peculiaridade dele – dar carne de papagaio para a criança falar, passar o caranguejo na perna da criança com dificuldade de andar, usar a banha do bugio para surdez. Tais práticas se articulam às cosmologias indígenas e trazem a integralidade das relações dos indivíduos com a natureza.

Muitos costumes foram deixados pelos indígenas, bem como pelos africanos escravizados, facilmente notados nas palavras, na alimentação, na forma de plantio, no uso das medicinas da mata para a cura, nas crenças e lendas que até hoje são contadas. Cleonice, uma das mulheres entrevistadas, comentou:

Minha mãe fazia benzimentos, fazia coisas que eu vejo agora, na cultura indígena, no africano, vejo muito neles o que minha mãe já fazia. Isso era dom. Com minha mãe aprendi muito pouco sobre ervas, eu aprendi depois com minha madrinha que também é descendente de africanos, mas acho que é um dom também, porque eu me interessei tanto pela erva, pela cura medicinal, eu me interessei muito muito muito e elas vieram assim, eu não fui atrás, elas vieram pra mim (CLEONICE FAGUNDES, 2019, Ilha das Peças).

A cultura europeia também teve influência na formação dos sistemas de cura e fé, em algumas narrativas foram relatadas histórias sobre curandeiros homens que aplicavam dose⁷, estrangeiros que foram para a região e ali permaneceram.

Meu tio, Elpídio, recebia espírito. Olha a minha mãe na gravidez dela, deu um inchaço nela muito grande por demais, ficou que meu deus do céu, aí a mãe dela foi disse assim "Elpídio não dá pra você fazer uma sessão pra ver que doença que a tua irmã tá sofrendo" aí ele foi saiu ali foi pro quarto aí falou lá "olha irmã, a doença da irmã tá bem curado, ela que vá no mato e corte nove broto de embaúba branca cozinhe e dê um banho nela de corpo inteiro" assim finada vovó foi no mato cortou a embaúba branca chegou cozinhou, deu banho nela, hum, aquilo desinchou cristão de deus, passou depois um pouco de água fria nela, aí ela ganhou neném (ALZIRA PEREIRA COELHO, 2019, Comunidade Saco da Rita).

Desde o início da pesquisa de campo havia uma referência de uma antiga curandeira: Ester. Moradora de Ilha Rasa, já havia falecido há alguns anos quando aconteceu a pesquisa de campo. Assim como em outras comunidades, seus parentes e algumas moradoras mais velhas de Ilha Rasa contaram sobre as práticas e curas que ela realizava. Era parteira, rezadeira, receitava remédios, batizava crianças, fazia aparecer pessoas e objetos.

O que ela dissesse, tava dito; ela viesse aqui agora e dissesse: 'vocês vão ficar aqui uma semana a mais aqui', pois vocês podiam contar que iam ficar mesmo (MARIQUINHA SQUENINE, 2019, Comunidade Saco do Morro).

Ester dizia que o seu aprendizado veio através de um aviso e foi daí que aprendeu tudo que ela sabia. É próprio das curandeiras e pajés receberem ensinamentos através de sonhos e conversas com a natureza e com o cosmos. Davi Kopenawa fala sobre os espíritos de cura:

Mas o que me preocupa é que eu ainda não consegui fazer descer até mim os xapiri que nossos antepassados mais apreciavam dentre todos — os dos japins

⁷ Falaram sobre curandeiros homens que usavam a dose para curar picada de cobras. Não foi possível ter muitas informações a respeito, mas algumas pessoas disseram que no século XIX, era comum ter curandeiros homens na região. Um deles era o Firmino espanhol, que ficou conhecido nas comunidades ao entorno de onde morava, na comunidade do Canudal, pelas suas práticas de cura com o uso das boticas – a farmácia da época. Disseram ser uma pessoa excêntrica, solitária e generosa.

ayokora. Eles são os espíritos mais experientes na cura, como eu disse. Eles veem dentro dos doentes e sabem tirar o mal deles sem cortar seus corpos, ao contrário dos médicos dos brancos. Assim que um ser maléfico coloca seus objetos de febre e dor dentro de uma de suas vítimas, os espíritos ayokorari são capazes de arrancá-los e fazer com que sejam regurgitados por seu pai, o xamã. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 502).

Uma outra curandeira e parteira conhecida nas comunidades era Rosinha, de Tibicanga. Nilse, uma das sete interlocutoras, disse que ela “recebia espírito” chamado Clarindo:

Ela fazia o parto da mulherada e quando o caso era mais complicado ele chegava nela. Quando ele chegava nela, pururucava, estalava tudo as junta dela e ela fazia o remédio, trabalhava só com as garrafadas, ela curou muita gente ali, mas não acendia vela, nada, ela pedia pra acender a luz de querosene. E muitas vezes quando levasse alguém lá ela já pedia pra encher a garrafa com água; aí colocava a mão naquela boca de garrafa, pedia pra Deus, já pedia pra tomar um gole daquela água ali e já fazia efeito. Ela largava tudo que tava fazendo (NILSE SQUENINE, 2019, Comunidade do Barbados).

Visões, sonhos, intuições e magias compõem formas de transmissão dos saberes ancestrais, assunto que será tratado na próxima seção.

A transmissão de saberes

Nos dois anos de pesquisa foram visitadas as comunidades de Ilha Rasa, Vila Mariana, Guapicum, Medeiros, Guaraqueçaba, Laranjeiras, Bertioga, Tibicanga, Sebuí, Pinheiros, Canudal, Vila Fátima, Abacateiro, Vila das Peças, Vila de Superagui, Saco do Morro, Barbados, Saco da Rita e Aldeia Kuaray Guata Porã para perceber-se as características das práticas de medicina da região. Em todas as comunidades alguém já tinha ouvido falar da curandeira Ester e de suas práticas, com exceção da Aldeia Guarani M'bya Kuaray Guata Porã.

Por onde circulamos, seu nome era conhecido. Vinham pessoas de diversas comunidades, inclusive distantes, como Cananéia, em São Paulo, para serem atendidas por ela, numa época em que o transporte a motor era mais escasso. Em seu quintal foi construída uma casa somente para os atendimentos, para quando houvesse a necessidade de internação e acompanhamento por mais dias (ARAÚJO, SEVCIUC, 2021, p. 23).

Nas comunidades de Vila das Peças, Vila de Superagui, Saco do Morro, Barbados, Saco da Rita e Aldeia Kuaray Guata Porã os pesquisadores ficaram por mais tempo, pois era onde moravam as interlocutoras da pesquisa. Na maioria das vezes eram recebidos por elas em suas próprias casas. Presenciaram as relações delas com as suas práticas nos seus territórios participando das atividades cotidianas – fazendo caminhadas, cozinhando as refeições com elas e seus familiares. Assim eram tecidas as conversas e as partilhas de memória e de saberes. Na última etapa das visitas de cada uma, construíram os quintais medicinais em conjunto com as curandeiras e seus parentes, como forma de estimular outras partilhas orais e o interesse dos jovens acerca do tema.

Tal qual em diversos territórios tradicionais no Brasil, atualmente, as comunidades da pesquisa passam por várias transformações com relação às suas práticas de tradição. Com a instauração do parque, os moradores precisaram se adaptar a uma nova realidade de interação com o ambiente. A cultura caiçara e dos Guaranis M'bya que ali residem está passando por uma série de desafios. Observou-se em vários momentos que certas informações trazidas ali nunca tinham sido ouvidas pelas filhas, netas e bisnetos. Eles passaram a saber que a avó era filha, sobrinha e neta de parteiras, mas que escolheu não partear "nunca quis, não queria ver a mulher naquele sofrimento"⁸; ouviram sobre curas já realizadas; sobre as lendas caiçaras e tantas outras histórias. É a Oralitura⁹ acontecendo "a diversidade de experiências inscritas neste propósito abrange gerações – avó, mãe/pai e filhas/os, além disso, trazem a presença do mundo espiritual conformando o cruzamento triádico "ser-sendo" da vida, composto pelos ancestrais, as entidades e o grupo social" (LÔBO, SILVA, 2021, p. 86).

Meu avô conhecia muito bem, só que não gostava de ensinar; já eu penso que o que é bom tem que ensinar, vamo ensinar, sim; que aí se eu ponho uma moeda, outro põe outra moeda, outro põe mais outra e a força é maior! As coisa boas que a gente sabe eu acho que não faz nada mal ensinar, principalmente os remédios e a fé (CLEONICE FAGUNDES, 2019, Ilha das Peças).

⁸ Entrevista gravada em áudio (Leontina da Silva, Ilha de Superagui, 2019).

⁹ Ver nota de rodapé 4.

Tem que falar pra vocês, porque nem sempre a gente tá no lugar, né; às vezes eu posso sair, às vezes eu posso ir pra longe, ou mesmo posso morrer; vocês não sabem e vocês vendo como é que a gente faz, perguntando que remédio é, vocês sabem que é bom pra tal coisa (LEONTINA DA SILVA, 2019, Ilha de Superagui).

A geração da gente era dessas coisas, a gente foi um tipo de família que tanto aprendemo a trabalhar em negócio de plantio como assim no negócio de erva também (NILSE SQUENINE, 2019, Comunidade de Barbados).

Quando vinham perguntar sobre algum remédio eu já passava também. A gente mata a fome de quem tem, porque tudo que Deus põe na mente da gente pra ajudar sobre as pessoas, a gente tem que fazer (NILSE SQUENINE, 2019, Comunidade de Barbados).

Assim como as outras interlocutoras da pesquisa, Nilse possui um conhecimento extenso e profundo sobre a medicina caiçara, do diagnóstico aos tratamentos. Utiliza diversos elementos da natureza – argilas, cinzas, fuligem, frutos do mar, banhas e outras partes de animais –, além das simpatias, rezas e defumações. Ela tem conhecimento sobre as propriedades curativas das plantas e dos alimentos, quais são quentes ou frios, em quais momentos podem ser utilizados ou não, quais partes das plantas diferem em suas finalidades, os variados modos de utilização dessas partes – maceração, garrafada, chá, tintura, emplastro, banho de assento. Se a planta é colhida no lado do sol nascente ou poente. Relaciona-se com as plantas como se relaciona com pessoas. No momento da construção do quintal medicinal no seu território, ela envolveu todos os familiares que moram próximos, chamando-os a participarem do processo.

No livro "Eu Mais Velha – cura, fé e ancestralidade" buscou-se dar bastante espaço às falas dessas mulheres, de modo que a narrativa seja também construída por elas. Portanto, é um livro com bastantes aspas. Um dos capítulos, sobre o uso tradicional das plantas, foi escrito por Rosália Michaud, filha de Cesarina Michaud, e professora da comunidade onde moram, Barbados. Neste capítulo, também se encontra o estudo de 10 plantas medicinais utilizadas na região que foram coletadas e pranchadas por Bianca e Lais. A identificação contou com a colaboração de professores do Jardim Botânico de Curitiba e da bióloga e botânica componente do coletivo Eu Mais Velha, Dilma Nascimento. As ilustrações das plantas que estão no livro foram realizadas por ela com base nas pranchas de exsiccatas.

O livro também contém fotos tiradas pela fotojornalista Giorgia Prates e o mapeamento das parteiras, curandeiras, rezadeiras e curadores de picada de cobra vivos e falecidos, constando as práticas realizadas por eles, como demonstrado no mapa a seguir.

Figura 1 – Mapa das curandeiras e curandeiros do litoral norte do estado do Paraná



Fonte: ARAÚJO, SEVCIUC (2021).

Considerações finais

A OMS, desde a Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde em Alma-Ata no ano de 1986, estabeleceu como uma de suas diretrizes integrar as medicinas tradicionais locais aos sistemas de saúde dos países membros. Em seus documentos, considera a medicina tradicional como o “conjunto de conhecimentos, habilidades e práticas baseado em teorias, crenças e experiências indígenas de diferentes culturas, explicáveis ou não,

utilizadas na manutenção da saúde, bem como em prevenção, diagnósticos ou tratamentos de doenças físicas e mentais” (BRASIL, Ministério da Saúde, 2015).

Anterior à implementação dessas diretrizes, faz-se necessário entender qual é o papel do Estado e das pesquisas acadêmicas realizadas por pessoas que não vieram desses territórios na validação e acolhimento desses conhecimentos, principalmente quando estamos falando dos entendimentos simbólicos, entendimento do Cosmos e das plantas como mestras, no que tange aos saberes cósmicos associados a conceitos relacionados à saúde e espiritualidade. Reconhecendo-os nos sistemas biomédicos convencionais, muito mais escutando e respeitando as fontes originárias deste saber – o respeito à alteridade dos cientistas, pesquisadores, mestres e mestras de saberes das comunidades tradicionais e de povos originários em um processo de convivência horizontal, sem sobrepor uma ciência à outra, principalmente nos territórios nos quais estão inseridos. As práticas tradicionais de saúde, tornando-se objeto das políticas públicas, podem passar por um processo de descontextualização e, principalmente, de fragmentação de suas práticas que são estabelecidas e fazem sentido naquele território onde emergiram.

Portanto, o estímulo às pesquisas que busquem aprofundar as dimensões sociais, culturais e cosmológicas dos diferentes sistemas de saúde e os laços ancestrais por meio da valorização de sua presença e importância em nossa formação identitária original, apresentam-se como ação basilar no fortalecimento e proteção desses saberes e de seus detentores e, mais do que isso, possibilitam a coexistência das práticas de origem ancestral com os métodos convencionais de modo que se compreenda também as transformações e ressignificações pelas quais elas passam com essa interação.

Referências

ALBERT, B. G.; GOMEZ G. G. *Saúde Yanomami: um manual etnolinguístico*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1997.

ALBERT, B.; MILLIKEN, W. *Uhiri A: a terra-floresta Yanomami*. Paris, Fr: IRD - Institut de Recherche pour le Développement, 2009.

ALMA, P. (Orgs.). *Desvelando a Ilha do Livramento: um foco de luz em Alcântara - MA*. Imperatriz: Editora Balaiada de Escritas Negras, 2020.

ARAÚJO, L.; SEVCIUC, B. *Eu Mais Velha - cura, fé e ancestralidade*. Curitiba: Arte Editora, 2021.

ARAÚJO, A. M. *Medicina Rústica*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BARRETO, J. P. L. *Wai-Mahsã: peixes e humanos*. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2018.

BISPO, A. *Colonização, Quilombos: modos e significações*. Teresina: Editora COMEPI, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saúde da Família: uma estratégia para a reorientação do modelo assistencial. Brasília, Ministério da Saúde, 1997. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd09_16.pdf>. Acesso em: 01 de nov. 2022.

CASTRO, E. V. Os Pronomes Cosmológicos e o Perspectivismo Ameríndio. *Revista Mana*, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS – Museu Nacional, UFRJ. Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 115-144, 1996. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/mana/a/F5BtW5NF3KVT4NRnfM93pSs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 03 nov. 2022.

DIEGUES, C. A. *Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB, 1999.

FANON, F. O. *Medicina e Colonialismo*. Brasil: Editora Terra sem amos, 2020.

FERREIRA, L. O. *Medicinas indígenas e as políticas da tradição: entre discursos oficiais e vozes indígenas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

FERREIRA, J.; FELÍCIO, E. *Por Terra e Território: caminhos da revolução dos povos no Brasil*. Arataca: Editora Teia dos Povos, 2021.

CAPASSO, R.; GUERRA, D. D.; KIELING, G. *Redes de Cuidado: revoluções invisíveis por uma vida vivível*. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2021.

LÉVI-STRAUSS, C. *Antropologia Estrutural*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

LUZ, M. T.; BARROS, N. F. DE (Orgs.). *Racionalidades Médicas e Práticas em Saúde: estudos teóricos e empíricos*. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/LAPPIS, 2012.

LÔBO, J. A.; MARCON, L. C.; SILVA, F. A. F. et. al. A Oralitura das Manifestações Contracoloniais. *Revista Odú: contracolonialidade e oralitura*. Ilhéus: Fundação Cultural do Estado da Bahia - FUNCEB, 2021. Disponível em: https://issuu.com/revistaodu/docs/revista_od_-_online_-_vers_o_issuu.

KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MACÊDO, H. A. M. Em Busca dos Desaparecidos: remanescentes indígenas no sertão do Seridó (Séculos XVIII e XIX). *Mneme – Revista de Humanidades*, Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte Centro de Ensino Superior do Seridó – Campus de Caicó, Caicó, v. 4, n. 8, p. 131-163, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/170>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

MALUF, S. W.; SILVA, E. Q.; SILVA, M. A. Da. Antropologia da saúde: entre práticas, saberes e políticas. *BIB – Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, São Paulo, n. 91, 1-38, 2020. Disponível em: <<https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/495>>. Acesso em: 02 nov. 2022.

MARTINS, L. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. *Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. Letras*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, n. 26, p. 63-81, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11881>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

MATOS, F. J. A. *Farmácias Vivas: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades*. 4ª Ed. Fortaleza: Editora UFC, 2002.

MATOS, F. J. A. *As plantas das farmácias vivas: álbum de gravuras para identificação das principais plantas medicinais do projeto farmácia viva*. Fortaleza: BNB, 1997.

MAYÁ, M. M. A. *A Escola da Reconquista*. Arataca: Editora Teia dos Povos, 2021.

MICHAUD, R. L. *Plantas Mediciniais e suas utilizações*. Matinhos: UFPR, 2013. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/50902>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. *Traditional medicine strategy 2014-2023*. Geneva: WHO Library, 2013. Disponível em: <<https://www.who.int/publications/i/item/9789241506096>>. Acesso em: 09 nov. 2022.

SAMPAIO, D. S. Catimbó e Jurema: uma recuperação e uma análise dos olhares pioneiros. In: Simpósio da ABHR, GT 38: Orixás, entidades e espíritos: Trânsitos, tensões e conflitos sob o olhar da História e da Antropologia, XV, 2015, Juíz de Fora – MG. *Debates do NER. (Periódico Científico)*. Porto Alegre: Ano 17, n. 30, 151-194, 2016. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/debatesdoner/article/view/63469>>. Acesso em: 06 nov. 2022.

SANTOS, S. M. A. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Revista Plural*, Programa de Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/plural>>. Acesso em: 05 nov. 2022

TRAD, B. A. L. Trabalho de campo, narrativa e produção de conhecimento na pesquisa etnográfica contemporânea: subsídios ao campo da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*,

Associação Brasileira de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, 627-633, 2012.
Disponível em:
<<https://www.scielo.br/j/csc/a/rDyKztD8DWZHyB73GSYVxDv/abstract/?lang=pt>>.
Acesso em: 02 nov. 2022.

RECEBIDO: 14/11/2022
APROVADO: 27/11/2022

RECEIVED: 11/14/2022
APPROVED: 11/27/2022